

SOBRE A ADOLESCÊNCIA E O TRÁFICO.

O relato de dois percursos

Paulo Eduardo Viana Vidal¹

Vitor Marinho de Amorim²

RESUMO

O presente artigo apoia-se em um relato colhido em pesquisa para a dissertação de Mestrado em Psicologia de Vitor Marinho de Amorim, sob a orientação do professor Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal, na Universidade Federal Fluminense. Trata do relato de um adolescente a respeito da sua vinculação com o tráfico, bem como da sua perspectiva sobre seu histórico familiar. Apresenta uma articulação entre a relação do adolescente com a facção criminosa à qual se declara filiado e observações psicanalíticas de Freud e Philippe Lacadée sobre o fenômeno da adolescência em si. Propõe a filiação à facção criminosa como uma alternativa encontrada na adolescência para lidar com os desencontros inerentes a essa fase do desenvolvimento subjetivo, pautado pelo gozo excessivo residente no corpo, a quebra da autoridade parental e a procura de novos paradigmas que auxiliem na significação deste gozo.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, Socioeducação, Psicanálise.

ABSTRACT

The present article is based on a report collected in a research for the dissertation of Master in Psychology of Vitor Marinho de Amorim, under the guidance of Professor Paulo Eduardo Viana Vidal, at the Universidade Federal Fluminense. It deals with an adolescent's account of his involvement with trafficking, as well as his perspective on his family history. It presents an articulation between the relation of the adolescent with the criminal faction to which one declares affiliation and psychoanalytical observations of Freud and Philippe Lacadée on the phenomenon of the adolescence itself. It proposes affiliation to the criminal faction as an alternative found in adolescence to deal with the disagreements inherent in this phase of subjective development, based on excessive enjoyment in the body, the breaking of parental authority and the search for new paradigms that aid in the meaning of this joy.

1 Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor-associado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

2 Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, professor do curso de Psicologia na Faculdade Sul Fluminense em Volta Redonda. Psicólogo do Novo DEGASE entre 2010 e 2015, atuando na Semiliberdade e na Internação. Atualmente é Psicólogo do Plano Operativo Municipal que forma a equipe de apoio do Plano Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes em Conflito com a Lei (PNAISARI).

KEY WORDS: Adolescence, Socioeducation, Psychoanalysis.

O tráfico de drogas é um fenômeno existente e persistente em nosso mundo. No Rio de Janeiro, da mesma forma que em outras grandes capitais, está intimamente associado à ação do crime organizado, encarnado nas facções criminosas. Elas ocupam territórios normalmente, mas não exclusivamente, de maior carência e omissão do Estado e os gerenciam com um regimento próprio, pautado pela força. Neste processo, enredam-se no cotidiano social, ganhando um papel constante e representativo nestes territórios e para aqueles que neles residem. Passam a organizar o espaço público, determinando quem pode circular por ele, as normas de conduta dos seus associados e também dos outros moradores. Além disso, se apresentam como alternativa de carreira para diversos adolescentes, público alvo deste nosso estudo.

As facções criminosas assumem de maneira tirânica a manutenção do espaço onde se instalam e subjagam com o poder das armas seus opositores. Por outro lado, através do próprio tráfico, os sujeito ali envolvidos também encontram acesso, sobretudo, a bens de consumo que, de outra forma, estariam vedados às suas camadas sociais. Além disso, estes sujeitos encontram na facção um grupo ao qual se unem e, não raro, integram à sua própria construção, assumindo papéis conforme a necessidade da facção, tornando-se “olheiros”, “vapores”, “soldados” e “patrões”.

Volta Redonda, cenário da nossa pesquisa, há a prevalência do Terceiro Comando Puro (TCP) e Comando Vermelho (CV), como facções mais representativas em termos de ação e força no território.

Reflexo deste contexto, o ato infracional de maior recorrência encontrado nos registros das unidades do DEGASE é o tráfico de drogas. No primeiro semestre de 2014, ao consultarmos os registros de entrada de adolescentes no CRIAAD Volta Redonda, observamos a prevalência, perto de 80%, do artigo 33, tráfico, sobre os outros. Na unidade de internação de Volta Redonda, no mês de novembro de 2015, observamos uma proporção mais modesta, sendo o tráfico responsável por, em média, 50% dos processos frente ao quantitativo de todos os outros processos juntos. Já na unidade de semiliberdade, a proporção é mais alta, tal qual constatado em 2014. Estes dados nos sugerem que a prevalência dos processos de tráfico sobre os outros oscilou conforme o modelo de medida socioeducativa e não com o tempo, 3 anos, entre os levantamentos realizados. Além disso, o discurso do tráfico e, conseqüentemente, das facções, dentro da unidade, é extremamente presente, orientando os adolescentes em sua conduta e interferindo também na própria organização institucional.

A proposta socioeducativa, fundamentada, particularmente, nas determinações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), enfrenta de forma já sistemática uma série de desafios quanto ao seu contexto de aplicação. Além das faltas de recursos (insumos e recursos humanos) tradicionalmente presentes nas instituições, outro desafio, talvez de maior complexidade, é a aparente baixa eficácia da nossa proposta, ou, ao menos, da sua execução. Seja devido à insuficiência de investimentos governamentais, seja

pelos impasses do próprio projeto socioeducativo, as dificuldades encontradas nos convocam a repensar nossas intervenções. Como dito, o tráfico tem um lugar de destaque na rotina institucional e na vida dos adolescentes, bem como nos encontros que tivemos ao longo da nossa experiência com eles. Por isso, tomamos esse tema como foco na nossa discussão.

Em 2014, motivados pela afirmação de uma adolescente, no CRIAAD, de que sua facção era “como uma família”, desenvolvemos uma dissertação de mestrado que se propunha a analisar essa relação entre tráfico e família na adolescência. A dissertação foi defendida em setembro de 2016, na Universidade Federal Fluminense, sob o título “A Lei Paralela: uma correlação entre o tráfico de drogas e a adolescência”, sendo aprovada na mesma data. Como parte do desenvolvimento desse trabalho, realizamos uma pesquisa que consistia em uma série de entrevistas com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação e, posteriormente, analisamos, à luz da psicanálise, os aspectos subjetivos envolvidos nestes relatos. Pretendíamos nos aproximar dos próprios adolescentes e encontrar algo sobre a questão do tráfico e a força que, aparentemente, exerce sobre os adolescentes envolvidos com ele. Podemos dizer que pretendíamos encontrar pistas sobre o que o tráfico, ilustrado pelas suas facções, representa para o adolescente que se vincula a ele.

É importante termos clareza de que os relatos em si e as ideias desdobradas a partir deles não encerram, de forma alguma, a discussão. Antes disso, apontam para uma apreensão muito particular de cada um dos entrevistados sobre a representatividade do tráfico em suas vidas. Entretanto, o que encontramos articulado em cada uma das falas, é o tráfico, ou a facção, como uma alternativa seguida pelo adolescente frente às dificuldades ou angústias originárias do seu contexto (Lacadée, 2007). O aspecto familiar, por exemplo, surge de maneira recorrente nos relatos, bem como outros, relacionadas ao consumo e até mesmo à própria identidade do adolescente. Este último é representado pela questão “o que é ser homem?”.

Partimos da relação entre os sujeitos estabelecida em um grupo e as forças que o mantém coeso, através dos estudos freudianos da psicologia dos grupos (Freud, 1921). O líder tem papel fundamental, desempenhando uma função semelhante à função paterna na relação com os membros do grupo. Freud articula essa função através do investimento libidinal dos sujeitos em um grupo, do amor que demandam e delegam em uma relação econômica com o grupo e com o líder.

Ao tratarmos da adolescência, nossa pesquisa nos levou a procurar, através do psicanalista Philippe Lacadée, elementos que nos auxiliassem a pensar a causa da sua adesão aos atos infracionais. Com ele, encontramos a possibilidade de articular os aspectos pulsionais da adolescência com comportamentos de risco (Lacadée, 2007). Se um sentimento de angústia referente ao seu lugar na família, no grupo ou à própria identidade era elemento constante nas entrevistas, Lacadée nos apresenta essa angústia como fenômeno intrínseco à adolescência. Não bastasse todo imperativo do gozo, no sentido Lacaniano, ao qual o sujeito se encontra exposto; na adolescência, em virtude da radicalização de suas pulsões e do seu lugar de transição em nosso cenário

cultural, tal gozo é multiplicado e a angústia gerada por ele idem, o que culmina em uma crise na linguagem (ib., 2008). Ao falar da adolescência, falamos de um sujeito cujas pulsões sexuais se encontram em ebulição devido à passagem pela puberdade.

Falamos, também, de um sujeito que está em um limbo entre a infância e a fase adulta, de modo que não se enquadra em nenhum desses dois lugares. É justamente ao se deparar com isso, o fato de não ter lugar, que o adolescente se encontra à deriva e, justamente neste momento, é que encontra o tráfico como uma alternativa. No caso, um lugar alternativo. Um lugar que, inclusive, lhe oferta acesso àquilo que ele supõe capaz de dar conta do seu desejo. Sexo, poder, drogas e etc. Lacadée, usando de Freud (ib., 2007) e Rimbaud (ib., 2008), apresenta importantes desdobramentos sobre a posição do analista diante da adolescência. Esta posição é o que fundamenta nossa proposta de intervenção no campo de trabalho com os adolescentes em conflito com a lei.

Obviamente, encontraremos maiores desenvolvimentos das questões apresentadas no trabalho que embasa este artigo. Para este momento, gostaríamos de apresentar uma das entrevistas realizadas na pesquisa. Sob nossa ótica, ela traz elementos interessantes quanto à problemática que procuramos apresentar nesta introdução.

Vale ressaltar, por fim, que a entrevista, organizada sob um roteiro semiestruturado, também carrega consigo uma série de brechas não contempladas pelo entrevistador. Ela se propõe a permitir que o entrevistado percorra em sua fala de forma livre, o que traz elementos inesperados. Temos ciência da sua parcialidade, fruto das próprias limitações do entrevistador. Entretanto, consideramos extremamente válida sua divulgação, posto que permite acesso do público leitor à voz do adolescente entrevistado.

Lauro (nome fictício)

Lauro, com 17 anos, fala, na entrevista, sobre as relações familiares. Explica que seus pais são separados. Sobre isso, tem uma fala confusa. Por um lado, diz que enquanto estavam juntos os pais brigavam demais afetando a ele e ao irmão. Diz que ficava com raiva e ia para rua. Quando fala da separação, em um primeiro momento, relata que as coisas melhoraram, porém, o fato deles se separarem também o teria afetado negativamente; preferia a família junta, tranquila. Mesmo que seu desejo não encontrasse respaldo na sua experiência, já que, uma vez junta a família, os pais brigavam. Diz que entrou para o tráfico um mês após a separação, por estar revoltado. Ainda sobre as brigas, relata que o pai batia em sua mãe, o que também era causa de revolta.

(Vitor): Eles estavam juntos e brigando, brigando, brigando. Depois eles se separaram e você?

(Lauro): Passou nem um mês direito, eu entrei pro tráfico.

(V): Menos de um mês você voltou pro tráfico. E você relaciona uma coisa e outra. Como o fato deles se separarem vira você entrando pro tráfico?

(L): (dificuldade de entender a pergunta). Ah, fiquei muito revoltado, né. Muita briga. Aí eu ficava “vou deixar minha família de lado. Vou traficar”.

(V): Essa sua revolta foi contra o que, ou contra quem?

(L): Ah, meu pai batia na minha mãe. Foi contra os dois. Aí meu pai tava morando lá na casa dele, minha mãe na casa dela. Aí eu saí de casa. Aí um cara ofereceu umas cargas lá e eu peguei. Comecei a traficar.

Chamamos atenção para sua fala, de deixar a família de lado. Isso porque, na lógica estabelecida por ele, e que reaparecerá no desenvolver da entrevista, o “deixar de lado” implica, inicialmente, em um abandono da família para entrar no tráfico. Em deixar um e então entrar no outro. Haveria aí uma dinâmica substitutiva? Deixar a família, para ele, seria condição para entrar no tráfico? Seria possível que ambos convivessem? Lauro acrescenta novos elementos quando se refere ao início do seu uso de drogas, como um dos efeitos desse contexto.

(V): Você falou de novo sobre seu pai bater na sua mãe. O que você acha disso?

(L): Não acho isso certo não. Eu ficava muito nervoso, me afetou muito.

(V): Como te afetou?

(L): Ah, afetou né. Afetou no coração. Meu pai batendo na minha mãe, minha mãe chorando quase todo dia. Discussão, briga. Aí eu saía pra rua, me ofereceram maconha e eu comecei a fumar. Em 2011 isso.

(V): Essa é a causa pela qual você começou a usar droga, né? Agora, entre usar e vender são duas coisas diferentes. Você disse que a droga tem a ver com a separação em si, né? Você falou sobre uma coisa de deixar a família de lado e...

(L): É. E só queria saber do tráfico. Tipo, o dinheiro, ousadias, tudo.

(V): Ousadias?

(L): É. No tráfico nós ganha bastante dinheiro e faz ousadia. Pega várias meninas, compra o que quiser, é assim com o dinheiro. Melhor do que essa vida família. Família, fica lá largado, sofrendo. Aí você roda, a mãe vem aqui chorando.

(V): Me chama a atenção isso que você fala de “deixar a família de lado, vou pro tráfico”. Como se você fizesse uma opção entre um e outro. E você escolhe o tráfico, naquele momento.

(L): Naquele momento eu escolhi o tráfico. Pra sair do tráfico, não tinha como.

(V): Eu estou entendendo certo, como se você estivesse escolhendo um no lugar do outro?

(Assente com a cabeça).

Sobre seu pai, Lauro conta que ele está preso atualmente. Já havia sido preso por não pagar pensão, porém foi solto em 3 meses e passou a pagar. Não sem causar grande sofrimento para a família - cita, em particular, seu avô. Contudo, sobre a prisão atual, diz tratar-se de tráfico. Perguntamos sobre como é para ele ter um pai nessas condições e ele responde “Não queria isso pra mim, também não queria isso pra ele, né. Mas ele com as escolhas dele. “. Vale ressaltar que, nesse momento, ao falar do pai, Lauro o descreve de forma diferente do que era antes. Em seu entendimento, seu pai mudou de atitude em um dado momento, passando a dialogar mais. Não aprofundamos na entrevista quais seriam as causas dessa mudança de postura do pai. Também, algo que nos chamou a atenção, posteriormente, é a semelhança de percurso entre Lauro e seu pai, no que tange ao envolvimento com o tráfico. Há uma aproximação feita pelo próprio Lauro, quando diz que “não queria isso pra mim, também não queria isso pra ele...”, onde “isso” se refere da mesma maneira aos dois, ao fato de estarem presos e também sobre o sofrimento causado na família. Já sobre sua mãe, também a descreve com uma pessoa tranquila. Entretanto, ressalta que eles conversavam pouco, que ela “só falava o necessário”. Conclui que esse distanciamento dos pais foi negativo para ele; mais uma vez, associa a falta de diálogo a uma lacuna.

(V): O que você pensa sobre isso? Sobre essa atitude deles, como era antes?

(L): Hesita - Não foi boa não, né. Se tivesse sentado (para conversar), todo dia, no meu desenvolvimento, eu não teria entrado pro tráfico.

Aqui, é preciso ter certo cuidado. Em um primeiro momento, é possível presumir que ele responsabiliza as ações dos pais pelo seu uso de drogas, pela sua revolta e pela sua entrada no tráfico. Porém, é importante estabelecer que, para além desse juízo de responsabilidades, Lauro, em sua fala, indica uma certa falha dos pais em preencherem sua função. Ele traz isso materializado na falta de diálogo ou até mesmo na falta de tranquilidade, conforme seria sua fantasia de uma “família junta, unida e tranquila”. Quais sejam as articulações que ele faz para apresentar essas falhas, se têm ou não a intenção de responsabilizar os pais pelas suas escolhas, nos parece que ele, indiscutivelmente, aponta para essa lacuna não preenchida pelos pais. Sobre a responsabilidade, perguntamos a seguir:

(V): Você entrar pro tráfico, conforme você disse antes, foi uma escolha entre ele e a sua família. E que, você escolheu o tráfico. Quer dizer, foi uma escolha que você fez, correto?

(L): Correto.

(V): E como é isso, de você pensar que se eles tivessem agido de outra forma, talvez você não tivesse entrado no tráfico, mas, por outro lado, também foi uma escolha que você fez. Então, quem foi o responsável? Quem fez essa escolha?

(L): Fui eu.

(V): Foi? Mas você fala de um contexto, uma situação que você escolheu como consequência de uma situação. E essa situação tem a ver com uma atitude deles. Então quem começou tudo isso?

(L): Como assim?

(V): Essa coisa que terminou com você entrando no tráfico. Quem você entende como responsável por ter acontecido?

(L): Hum... meus pais separado. Ela foi pro lado dela. O rapaz ofereceu pra eu pegar uma droga lá e eu peguei. Aí, já saí de casa, peguei minha mochila, já fui por conta própria.

Lauro oscila em suas respostas, alternando entre apontar a si ou a família. No final, ainda apresenta a contradição na mesma resposta, dizendo, inicialmente, que a responsabilidade era dos pais separados, porém que foi por conta própria. Conforme ele articula nesse momento, há um desconcerto, um ruído. Ele não aponta a si como responsável e como poderia? Há um contexto, que não pode ser desprezado. Contudo há sua escolha feita nesse contexto isso lhe cabe. Sua oscilação, se não responde à pergunta da responsabilidade, sugere que ele também não a delega aos pais de forma contundente, indiscutível. Responsabilidade não é uma questão fechada para ele. Não é uma questão da qual pode se esquivar, mesmo que não consiga responder.

Lauro fala do seu irmão com certa admiração. Diz que ele se mantém afastado de pessoas que usam drogas, que adquiriu três motos, apenas trabalhando, e que dá vários conselhos a ele. Enfim, fala do irmão como uma figura encarnada desse estereótipo que os próprios adolescentes desenham quando perguntamos sobre as condutas que pretendem manter ou exercer, ao saírem do regime de internação.

Trabalhar, afastar-se das drogas e das pessoas que se envolvem com elas. A admiração dele pelo irmão, talvez, aponte para esse próprio estereótipo, ou melhor, um eu-ideal para Lauro.

Convidamos Lauro a falar do tráfico. Perguntamos sobre sua facção, o CV, e ele, logo responde que “CV é união”. Sobre o significado da expressão, apresenta argumentos que são recorrentes em algumas das entrevistas com os outros adolescentes, independente das suas facções e mesmo que alguns questionem essa ideia. Mas, para Lauro, “CV é união” porque envolve uma ajuda mútua entre seus membros. Quando perguntamos sobre o tipo de ajuda, ele não sabe dizer, porém faz referência a uma ajuda à comunidade na forma de cesta básica dada pelo “patrão”, ou mesmo, por ele dar dinheiro às pessoas. Quando relacionamos o território e as facções, ele diz que pertence ao CV por ser a facção do seu bairro. E, que se tivesse nascido em um bairro sob o domínio do TCP, seria do TCP. Seu ponto de vista contraria uma ideia, ao menos em uma camada mais profunda, de que existe uma facção com ideais superiores, mesmo a facção de filiação do adolescente. Nesse caso, trata-se apenas de uma relação geográfica e contingencial. Questionando a relação entre as facções e seus valores, Lauro fala, talvez de forma um pouco cifrada, que nas relações entre as facções, em seu entender, não existe superioridade de uma sobre a outra.

(V): Então, acha que tem diferença entre uma e outra?

(L): Tem diferença que a outra facção sempre quer tomar nosso bairro. Aí nosso bairro é pesado e eles não aguentam tomar. Aí tentam outro. É sempre briga. Um quer ser mais alto que o outro. No nosso lado lá, eles nem entram.

(V): E você também não entra lá no lado deles.

(L): No lado lá já entraram.

(V): Mas foi invadindo, pra tomar?

(L): É, aí eles correram. E nós voltamos.

(V): Vocês queriam pegar eles, não o território.

(L): Aham.

(V): Então um invade a área do outro?

(L): É tipo uma luta.

(V): Nesse exemplo, os dois lados agem da mesma forma.

(L): Os dois agem da mesma forma, mas eu não sei como é o TCP não.

Ele percebe uma diferença entre as facções, mas que não chega a estabelecer grau de superioridade. Cada uma delas age exatamente como a outra, cada uma querendo ser maior. Lauro, diz não saber como funciona a facção rival, porém imagina que o seu funcionamento seja igual à sua.

Perguntamos sobre a ação do “patrão”, que Lauro havia citado. Seu relato se inicia de forma a apontar o caráter ameaçador dessa figura, que chega armado e que “abala os moradores”. Entretanto, quando perguntamos sobre o tipo de relação, se não haveria o componente do medo, ele responde que, embora haja medo, o respeito é predominante porque o “patrão” é uma pessoa da área, que conhece a todos. Indagamos sobre o que ele acha da presença do “patrão” no território, se é bom ou

ruim. Ele responde: “Sem ele ia acontecer vários roubos, assalto dentro do bairro. Sem ter patrão é isso. O bairro vira bagunça.”. É preciso apontar que, em sua fala, Lauro não responde à questão, pois não diz se é uma presença boa ou ruim, diz apenas que o “patrão” ordena aquele espaço, evitando que “vire bagunça”. Talvez ser bom ou ruim, seja menos relevante quando comparado com a ordenação trazida pelo “patrão”.

Quando fala sobre um dos efeitos da presença do patrão, cita que não é permitido assaltar no território. Perguntamos se considera, portanto, seu bairro seguro e ele responde: “Não. Seguro no meu ponto de vista. Tem outras pessoas, outros moradores, que acham perigoso.”.

Na entrevista realizada com Lauro, bem como em outras, há um caráter dúbio quando se fala na relação com o tráfico e no “patrão” na comunidade que é um personagem, que suporta em si, tanto significantes positivos, como ajudar a comunidade, ser respeitado, quanto negativos, como a severidade de suas punições e o terror causado nos moradores. No território, a presença do tráfico é capaz de trazer a tranquilidade, uma vez que encerra as disputas internas de poder, porém deixa o local exposto aos conflitos da facção, no qual rivais fazem incursões para tomar o território. A comunidade que é ajudada também precisa se submeter às vontades do “patrão”.

A relação com o “patrão” que se apresenta oscilante sob muitos aspectos, não se distancia da própria relação do sujeito com a figura paterna descrita por Freud em Totem e Tabu, especificamente na relação com o pai da horda. Seja com o pai, seja com o “patrão”, o sujeito se relaciona com ele, tendo-o como paradigma, uma figura que conhece a satisfação do desejo, que é capaz de exercê-lo plenamente, como o sujeito jamais conseguirá devido, ironicamente, à própria ação dessa figura. Por outro lado, se o “patrão” ou o pai da horda tem acesso ilimitado à satisfação dos seus desejos, também se torna ameaçador para o sujeito.

Há outro ponto interessante, quando Lauro é chamado a falar da sua visão sobre a violência no seu território. Apesar de considerar um lugar seguro, especialmente devido ao fato do patrão não permitir assaltos, afirma que existem muitas mortes no local, sobretudo devido a sanções aplicadas pelo “próprio” patrão aos transgressores das regras - intolerância à delação, é a primeira delas. Ao falar dessas mortes, afirma que são inevitáveis e, aparentemente, responsabilidade dos próprios transgressores:

(L): Ah, eles deixam na reta aí, aí nós não pode fazer nada. Você não pode impedir a violência. Vai matar lá e você entrar na frente? Depois ele vai lá e te mata, sua família. Aí a violência afeta nós. Afeta, acho, os moradores. Os traficantes não afeta não

(V): Não afetam?

(L): Não afetam. Podem matar 10 que não estão nem aí.

(V): Ah, os traficantes não se afetam.

(L): Não.

Quando ele diz que a violência não afeta os traficantes, deixa uma ideia dúbio no ar. Poderíamos pensar que o sentido da sua afirmação é que os traficantes estão imunes à violência, o que nos parece estranho. Contudo, no seguimento, explica que se trata de uma imunidade quanto ao não se afetar emocionalmente, de não se abalar com as ações.

Lauro traz um elemento bastante significativo e que se repetirá nas falas de outros adolescentes. Refere-se às normas de sua facção como “mandamentos”, “são nossos mandamentos”, diz. Porém, diferente de outros entrevistados, ele afirma que não pode falar sobre eles. Certas normas são flagrantes nas ações do tráfico, como as sanções aplicadas aos delatores ou a quem transgride a diretiva de não furtar. O próprio Lauro enuncia que esses são os mandamentos - embora não sejam todos - bem antes de dizer que não pode falar deles. Dá o nome e logo, em seguida, afirma que não pode nomeá-los.

Diante da incrível semelhança com o viés religioso, perguntamos sobre a origem desses mandamentos. Lauro apenas é capaz de dizer que foram determinados pelo fundador da facção e que eles lhe foram passados pelo “patrão”. A ignorância dele quanto ao processo de criação dos mandamentos, e a sua crença na sujeição a eles através da intervenção do “patrão” está muito próxima da relação de um fiel com seu pastor no campo religioso.

Temos um profeta, que seria o fundador a determinar normas, e seus apóstolos ou representantes, os patrões, que passam adiante a mensagem. Indagamos como ocorre essa passagem de conhecimento, se é algo semelhante a um sermão, onde os seguidores são agrupados pelo “patrão” e ele, assente. Seguindo o paralelo com a religião, parece que antes de qualquer situação e passagem direta, há um saber já instituído que atinge não apenas aos fiéis ou aos filiados.

Não é preciso ser um fiel católico e frequentar as missas para que se esteja imbuído de certos preceitos como “o não matarás”. Da mesma forma que não é preciso ser traficante para saber que é proibido “xisnovar”, ou seja, fazer delações. A cena do sermão do “patrão”, portanto, não é necessária para que Lauro tome ciência dos mandamentos, entretanto é interessante vê-lo enxergar dessa forma.

Perguntamos como funciona a saída da facção, se é problemática ou não, pois os relatos divergem entre os adolescentes. Segundo Lauro, o processo é tranquilo, caso não existam dívidas. Também acrescenta que há um caráter descartável do ponto de vista do tráfico em relação ao traficante, pois ele é rápida e facilmente, substituído. Por fim, ele diz que deseja sair do tráfico. Perguntamos sobre sua relação com o tráfico e sua perspectiva no seu funcionamento:

(V): Como a facção funciona pra você? Como você vê o Comando Vermelho? Qual sua opinião sobre ele?

(L): Como assim?

(V): Por exemplo, estamos falando aqui, de como ele funciona, as regras, tem a forma que seu patrão gerencia o bairro... qual sua opinião sobre isso? Concorda com tudo, tem coisas que não concorda? Tem coisas mais fáceis, ou coisas mais difíceis de seguir?

(L): Concordo e tem isso também, coisas mais fáceis e coisas mais difíceis. Mas nós tem que seguir. Do modo que nós é criado com a facção, tem que defender até o fim. Mas sair não tem nada a ver não. Se não estiver devendo nada.

(V): Você gosta de estar no CV?

(L): Hum... gosto mais não. Quando cumprir minha medida...

(V): Porque não gosta mais?

(L): Não, não é que não gosto do CV. Não gosto mais de traficar. Não quero mais. Quero servir de exemplo pro meu irmão, minha família vir me visitar aqui...

(V): Traficar é ruim?

(L): É bom, mas tem suas horas ruins. Com minha família, tá foda.

Lauro oscila sobre estar ou não no CV; em alguns momentos, coloca a relação como boa e, em outros como ruim. Como diz em sua fala, tem aspectos bons e aspectos ruins. Por fim, não emite, de forma consistente, um parecer sobre os diversos aspectos.

(V): Quais são as horas boas?

(L): A hora boa é quando você está vendendo, com o bolso cheio de dinheiro, aí no outro dia quer sair pra gastar com mulher, bebida, maconha, pó, loló. Tudo.

(V): E as partes ruins?

(L): É quando você roda. Quando os cana tá vindo te dando tiro, aí você tem que ir pra cima deles, tem que se defender. No CV você mata ou morre.

Novamente chama a atenção, a impossibilidade de coexistência entre o tráfico e sua família, quando Lauro diz que, “com sua família, está foda”, ao falar do aspecto ruim. Ele desenvolve sua fala sobre a relação de família e tráfico, até que perguntamos sobre sua percepção da situação familiar atual comparada à situação anterior, quando ele entrou para o tráfico. Segundo ele, há uma diferença quanto à atenção que lhe é dedicada. Antes, não recebia atenção de sua família, e seus pais pouco conversavam com ele. E que agora, está diferente.

O tópico da atenção nos soa relevante porque aponta para um lugar de reconhecimento do adolescente. Lauro se queixa de que, em casa, os pais conversavam apenas com as meninas, ficando ele e o irmão de lado. Sugere alguma invisibilidade da sua parte frente aos pais e que, no tráfico, ganha visibilidade. Segundo ele, antes de entrar no tráfico não era ninguém. Mas ao se filiar à facção, passou a andar com as pessoas relevantes, e ganhou relevância. As pessoas pararam de “entrar no seu caminho”.

(L): Agora, quem me encostar a mão, já vou na boca, pego a peça e já era. Até hoje, depois que eu fui da boca, ninguém mais tenta entrar no meu caminho.

(V): Isso você se refere ao pessoal com quem você vive?

(L): Correto.

(V): Quando você entrou na boca as pessoas pararam de entrar no seu caminho?

(L): Ficava andando com os caras que andavam pesadão, peça, roupinha, chinelinho.

(V): Antes de você entrar na boca as pessoas entravam no seu caminho?

(L): Antes eu não era nada. Tipo um ninguém, tá ligado? Não era nada da boca. Os menor sempre tentando arrumar caô.

(V): Depois que você entrou na boca...

(L): Ninguém fez mais nada.

Aqui há um processo interessante sobre a identidade assumida por Lauro. Ele ganha lugar ao entrar para o tráfico, algo que não enxergava no meio familiar e assume a identidade de traficante. Contudo, ele afirma que ao adotar a identidade de traficante, deixou algo para trás.

(V): Você deixou de ser ninguém?

(L): Deixei de ser aquele menino lá, que minha mãe sempre quis.

Há, então, uma espécie de troca de lugares, ocupados e esperados. Há o ninguém, que Lauro entende ser sua situação inicial, ignorado pelos pais. Há o traficante, identidade adotada ao entrar para o CV; identidade que lhe garante visibilidade e reconhecimento no território e o protege dos atravessamentos dos outros “no seu caminho”. Há também o menino que sua mãe sempre quis, estudioso e trabalhador; mais ou menos como ele descreve seu admirado irmão. Perguntamos que pessoa ele queria ser e ele respondeu: “Queria ser uma pessoa assim, que estuda. Meu pai falou: “estuda, trabalha e, quando tiver 19 anos, você constrói sua casa e vai ter seus filhos”. Uma vez só que ele falou isso pra mim. E eu seguia seu conselho, né.”. Ele busca na fala do pai, o tipo de pessoa que diz querer ser. Há um significante, que é recorrente nos discursos dos adolescentes e que, muitas vezes, é posto em contraposição ao traficante, é a figura do “trabalhador”. É a identidade que Lauro encontra, nas palavras do seu pai, caracterizando o tipo de pessoa que gostaria de ser.

(V): E era essa pessoa que você queria ser?

(L): Queria ser trabalhador.

Lauro retorna à pauta de sair do tráfico e, outra vez, fala sobre o “patrão”. Diz como seria fácil sair, precisando dar apenas um telefonema. Retornamos, perguntando sobre o modo como ele vê o “patrão” e ele responde de forma condescendente:

(L): O patrão lá no bairro é sempre bom pra todo mundo. Mas tem uns que querem atrasar o lado dele. Aí, sempre traz umas brigas e ele já manda sumir com o cara. Seja homem, mulher. Qualquer um.

(V): Você gosta dele?

(L): Não. Não gosto dele, não. Só gosto da minha família. Só amizade mesmo.

Em primeiro lugar, ele cita a forma positiva como vê o “patrão” e a seguir, conta que ele passa aos outros a responsabilidade de suas ações, como por exemplo, as execuções. Porém, quando questionado sobre o gostar, Lauro é taxativo em dizer que não. Voltando ao tópico do ser bom ou ruim para a comunidade, identificamos um juízo pautado em outros valores, talvez o da funcionalidade ou efetividade em manter o local organizado. Aqui também parece não haver necessidade de gostar ou não gostar. Ele faz uma clara distinção desse verbo - gostar - e o reserva apenas à família. Ele diz que não se deve confiar em ninguém, que está na Bíblia; “maldito o homem que confia no outro”, cita, apesar de nunca ter lido isso no Livro. Mas lhe contaram e, aparentemente, acredita. Ele, contudo, contraria essa orientação e confia no patrão. Confia porque, na dúvida, tem que confiar. Mas confia no que tange ao tráfico. Quando sair, diz, “nunca mais vou ligar pra ele e nem ele vai me ligar”. Lauro pode até confiar no patrão, mas gostar, ele só gosta da família.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente, 13ª Edição, atualizada até 19/3/2015

BRASIL, SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO - SINASE, 2006

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1921)

LACADÉE, Philippe. **A Passagem ao Ato nos Adolescentes**. Revista Eletrônica do Núcleo Séphora. vol II, nº 4. mai/out 2007. Disponível em:

<http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_02.htm> Acesso em: 18 de ago. 2016

LACADÉE, Philippe. **O púbere em que circula o sangue do exílio e de Um pai**. Revista Estudos Psicanalíticos, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n2/v1n2a04.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.